



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 13 - Ano 7 - Nº 13 – Janeiro/2019

ISSN 2317-8612

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

www.artezen.org

1 – OS DESAFIOS DO FEMINISMO PARA O HOMEM E A MULHER

Marcos Arruda*

O domínio masculino, que gerou a cultura patriarcal, dura mais de 10.000 anos. Ele alcança um ápice no capitalismo globalizado, que explora a mulher mais agudamente do que o homem e consome o divórcio cruento entre a humanidade e o meio natural. O sistema do capital preserva as diferenças de tratamento entre o homem e a mulher no campo do trabalho, da ciência, da política, da economia, da cultura. Ele apresenta aberrantes índices de agressão doméstica e social à mulher – assédio sexual, violência física, estupro, incriminação da mulher vitimada; disparidades no rendimento e no tratamento no campo, na fábrica, no escritório, nas igrejas, sinagogas e mesquitas. Tudo isto agravado pela hipocrisia de muitos homens em resposta a críticas e julgamentos em processos.

Este tratamento desumano à mulher hoje se estende às chamadas "outras opções sexuais" e também à Mãe Terra. O protagonista é sempre o "homem macho", aquele cuja força física, do braço, da voz e do grito, tenta se sobrepor à da força bem diferente da mulher. E o gradual e irreversível empoderamento da mulher nos últimos 40-50 anos abala a segurança dos "homens machos". Se sua autoestima está estribada no domínio que exercem sobre a mulher, eles se sentem inseguros e usam de mais agressividade quando as vêem empoderar-se e afirmar-se por si mesmas, e não à sombra deles ou sob a dependência deles. Este fato tem um componente psicológico, para além do político, que é preciso desvelar

e tratar de forma adequada. Cabe aos homens se conscientizarem dele e buscarem os meios de enfrentá-lo e superá-lo. Se há amor entre casais ou amiga e amigo, a ajuda da mulher para que o homem dê o salto quântico do machismo para o respeito e o tratamento igualitário é indispensável.

Mas aí está também outro elemento a considerar. Na minha visão, a superação da cultura patriarcal multimilenar não se dará rapidamente. Ela irá cedendo pouco a pouco, à medida que mais mulheres assumem **seu processo autolibertador**. O certo é que "ninguém liberta ninguém, e ninguém se liberta sozinho. Nós nos libertamos em comunhão..." (paráfrase de Paulo Freire) Diferentemente dos contos medievais que promoviam o amor romântico, o homem não liberta a mulher, mas é ela que tem que libertar-se, e isto porque ela não é só sujeita à dominação dos "homens machos", mas também da auto-opressão que a cultura patriarcal lhe ensinou desde que ela nasceu. Quanto aos homens, o mesmo acontece: além de saírem da posição de opressores das mulheres na relação interpessoal e social, eles têm que **libertar-se a si mesmos** da figura de dominadores que a cultura patriarcal os treinou a desempenhar.

Meu entendimento da questão leva à seguinte conclusão. A desigualdade social entre os gêneros, e a dominação exercida multimilenarmente pelos homens sobre as mulheres, para serem efetivamente superadas nas dimensões política e social, tanto quanto na cultural e psicológica,

* **Marcos Arruda** – Economista e educador do Instituto PACS, Rio de Janeiro. É terapeuta social do Colégio Internacional de Terapeutas, facilitador da UNIPAZ (Universidade Internacional da Paz) e do Programa Educação Gaia. Colabora com a Rede Global Diálogos em Humanidade e a Rede Jubileu Sul. É associado ao Ashram-Ecovila Fazenda Plenitude (Vassouras) e ao Instituto Transnacional (Amsterdã). marcospsarruda@gmail.com www.pacs.org.br

precisam de um **período de transição em que o protagonismo deve ser das mulheres**, até irmos gradualmente alcançando uma harmonia equitativa sem esforço, espontânea, gratuita e voluntariamente recíproca. A esta eu chamo de **comunhão criativa no amor incondicional**. Mas isto fica para outra conversa.

Recordo um aspecto muito importante da questão feminista. Não se trata apenas de superar o domínio e a opressão dos homens sobre as mulheres. Trata-se de reconhecer a "anima" feminina do homem e o "animus" masculino da mulher (Jung). Trata-se de identificar no corpo do homem os traços femininos que ficaram marcados nele antes que nossas células se especializassem na distinção dos sexos (peitos, costura do escroto...) Trata-se de **integrarmos as dimensões masculina e feminina do nosso ser numa harmonia dinâmica**, que eduque nossas diversas inteligências e maximize o desenvolvimento da nossa criatividade e amorosidade. Trata-se de **ler o mundo pelas duas óticas - a do Feminino e a do Masculino - ao mesmo tempo**. Trata-se de reconhecer e respeitar as diferenças entre os gêneros, sem nos iludirmos de que são "opostos" e "incompatíveis", mas acolhendo-os como complementares e indissociáveis!

A questão dos gêneros também tem raiz no campo da espiritualidade. Há diversas religiões que tratam da sexualidade em oposição à espiritualidade. Apresentam como desafio da existência terrena da humanidade uma espiritualização desencarnada. Para elas, "ser mais espiritual" resulta de negar a Matéria e o corpo, rejeitar o prazer e buscar o sofrimento como virtude. Este dualismo tem sido responsável por mil e uma distorções no comportamento de mulheres e homens. O biólogo, geólogo e místico Pierre Teilhard de Chardin tem uma abordagem surpreendentemente esclarecida da questão (ARRUDA, 2003: 140ss). Ele postula que, desde o momento da hominização, o sexo ganhou um papel e sentido que vão além da mera reprodução e se desdobra no campo do amor. O sexo como

"a síntese necessária dos princípios masculino e feminino na edificação da personalidade humana (...). A mulher é

para o homem o termo susceptível de desencadear este movimento para a frente. Pela mulher, e só por ela, o homem pode escapar ao isolamento em que sua própria perfeição arriscaria de fechar-se. A malha do universo não é, para a nossa experiência, a mônada pensante (o indivíduo) – mas a molécula humana completa é o elemento mais sintético e, portanto, mais espiritualizado que compreende o masculino e o feminino ao mesmo tempo (TEILHARD, 1936: 93)."

"O homem e a mulher para a criança – ainda e por um longo tempo, enquanto a vida terrestre não tenha chegado à maturidade. Mas o homem e a mulher um para o outro, mais e mais e para sempre." (1936: 92). Teilhard entende a união sexual amorosa como prazer físico, psíquico e espiritual como um misterioso mergulho na união cósmica. Refere-se à complementaridade masculino-feminino (em cada pessoa e no encontro amoroso dos dois gêneros) e ao sexo como prazer, comunicação, experiência de união na diversidade, de comunhão amorosa. O sexo-amor como a estrutura relacional que inaugura uma nova etapa da evolução no sentido da crescente *partilha e cooperação*. E, para quem tem fé, experiência maravilhosa de união com o Divino.

Rio de Janeiro, 21.11.17

Dedicado a Catita, Sasha e Joana

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Marcos, 2003, *Humanizar o Infra-Humano: Homo evolutivo, Práxis e Economia Solidária*, Vozes, Petrópolis.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre, 1936, *Esquisse d'un Univers Personnel*, em *L'Énergie Humaine*. Paris: Seuil [1962].